

Crise financeira reativa o mercado paralelo de dólares

Esquecido desde o início da década, o comércio com moeda estrangeira no "black" foi retomado

CLEIDE SÁNCHEZ RODRÍGUEZ

A crise financeira brasileira reativou um mercado que desde o início da década de 90 andava meio esquecido: o paralelo. Oficialmente, no entanto, o mercado de câmbio brasileiro se divide em apenas dois segmentos, o de taxas livres (comercial) e o flutuante, que abrange uma diversidade de operações envolvendo a moeda norte-americana.

No comercial, o movimento de compra e venda do dólar destina-se às operações de comércio exterior, por exemplo. São as Antecipações de Contratos de Câmbio (ACC) – uma linha de financiamento por meio da qual os exportadores podem antecipar o recebimento em até 180 dias antes de embarcar a mercadoria – e os pré-pagamentos de exportações. Do lado das importações, são feitos os pagamentos de compras realizadas no exterior.

Comercial – No segmento comercial são negociados dólares para serem enviados por subsidiárias de empresas multinacionais para pagamento de royalties, remessas de lucros entre outras. As captações externas também estão incluídas nesse segmento. Até antes da crise russa, desencadeada em agosto do ano passado, o mercado de capitais internacional era uma excelente fonte de financiamento de grandes companhias, que emitiam papéis (eurobônus, principalmente) e conseguiam obter recursos bem mais em conta comparada às altas taxas de juros domésticas.

Os empréstimos bancários também vinham sendo muito utilizados nos últimos meses antes da crise, especialmente por grupos que adquiriram estatais nos leilões de privatização. Os custos são mais caros em relação às captações no mercado de capitais, mas como as emissões ficaram cada vez mais escassas depois da primeira crise financeira internacional em outubro de 1997, os empréstimos ganharam mais espaço. Os dólares que ingressaram no País passaram pelo mercado comercial, que também negocia a venda dos dólares remetidos para pagamento dessas dívidas.

Por fim, o comercial ainda movimentava a compra e venda de moeda para investimentos

feitos no País pelos Anexos II, III e IV, que incluem aplicações em renda fixa, bolsas de valores, entre outras.

Flutuante – Na década de 80, como o mercado cambial era super controlado, o dólar paralelo ganhou força na mesma proporção que a inflação subia. “Quem participava do mercado nessa época deve se lembrar do ágio, a diferença de preço entre a cotação do dólar oficial e o paralelo, que chegou a ser brutal”, afirmou Roberto Padovani, economista da Tendências Consultoria Integrada.

Na década de 90, o governo decidiu incorporar as operações até então realizadas pelo paralelo no mercado flutuante, para oficializá-las. Compras e vendas do dólar turismo passaram a ser feitas com essa rubrica, como, por exemplo as realizadas com cartão de crédito. Além disso, as contas de não-residentes registram todas as operações de entrada e saída de recursos de pessoas que não moram no País, mas têm conta aqui. (CC5 refere-se à carta circular número 5 do Banco Central).

Pelo flutuante, ainda são permitidas algumas remessas de empresas, mas todas as operações são devidamente registradas no BC.

Padovani destaca que, com a crise financeira do Brasil, o paralelo voltou a ser procurado nas casas de câmbio. Até porque a alternativa à compra

da moeda seriam as aplicações em fundos de investimentos atrelados ao dólar. Tais aplicações estão restritas a investidores com disponibilidade de recursos de, no mínimo, R\$ 5 mil. E, mesmo assim, são poucos os bancos que atualmente dispõem de tal aplicação. Com a volatilidade da cotação do dólar, cada vez mais acentuada depois da mudança do regime cambial, as instituições limitaram ainda mais o acesso a tais aplicações.

A nova política cambial brasileira não alterou a formatação do mercado de dólar. A grande mudança foi na forma de fixar a taxa de câmbio. Se antes ela era determinada pelo BC, com ajustes mensais promovidos dentro de um piso e um teto de preço, agora a cotação está sendo determinada pela demanda e oferta da moeda nos mercados, quer seja no comercial como no flutuante. O paralelo acompanha a tendência do mercado, que é de alta, desafortadamente acentuada. O cidadão na maioria das vezes sequer encontra a moeda para compra.

**ÁGIO
ELEVADO
MARCOU
COMÉRCIO
COM MOEDA
AMERICANA
NOS ANOS 80**